



ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE LOBO ANTUNES NO ROMANCE OS CUS DE JUDAS.

Maria Adriana Nogueira; Sebastião Francisco de Mesquita

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN
nogadriana@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Os cus de Judas* (1979) de António Lobo Antunes que utilizou o contexto de guerra e degradação do homem para narrar os horrores da guerra. O romance está ambientado em um momento histórico, marcado pelo delineamento das novas fronteiras geográficas e territoriais, desenhadas pelos movimentos de libertação das antigas colônias dos países europeus, como Portugal. Tomando este contexto como cenário, António Lobo Antunes escreve um relato autobiográfico, no qual conta, de forma detalhada, o dia-a-dia da guerra, suas mazelas, angustias, dores e saudades produzidas pela hostilidade da guerra. Para tanto o trabalho utilizou como fundamentação a teoria crítica Pós-colonial, através dos autores, Bernd (2004), Bhabha (1998) Hall (2005), Abdala Júnior (2004). Nessa perspectiva percebemos que depois de ter sobrevivido e vivenciado a guerra o eloquente ex-combatente apreende o verdadeiro papel da guerra em animalizar sua força de ação, reduzindo o homem a animal, que é descartado, rejeitado e esquecida socialmente. Por tudo isso, o narrador tornou-se um homem profundamente solitário, pois vivia sobrecarregado pelo peso da guerra e sufocado pelo sofrimento que vivenciou nos campos de batalha.

PALAVRAS-CHAVE: Lobo Antunes, Cus de Judas, Pós-colonialismo.

O processo de colonização e descolonização dos países africanos, assim como em muitos outros territórios que foram colonizados pelos europeus, ocorreu de forma fortemente marcante pela intensificação das ações dos exploradores; dominação, violência, escravidão e regime absolutista entre a colônia e a metrópole. Esta postura ofensiva e agressiva dos colonizadores suscitou muitos conflitos e focos de resistência dos colonizados para com os colonizadores, os quais passavam a combater os revoltosos, causando muitas mortes e minando, aos poucos, o poder de resistência dos nativos.

Este contexto de luta, resistência, valorização/desvalorização do homem no limite de suas possibilidades serviu de combustível temático para muitos escritores produzir grandes e representativas obras da literatura, destacando o outro e a diversidade histórico cultural. Neste momento, na produção cultural em geral, especificamente na arte literária, as marcas da pluralidade, do diverso, do outro cultural e invisível, ou rejeitado é uma recorrência constante que contribui no processo de construção e representação de suas identidades, enquanto elemento incerto, conflitante e contraditório.

Dessa forma, a identidade do sujeito representa um receptáculo que se encontra sempre incompleto, o qual possui frágeis fronteiras no

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

limite de suas formas. Então, quando ele é submerso em um espaço cultural diferente acaba perdendo um pouco da definição de seus contornos e absorve partes do que vem de fora, delineando novas formas na composição de sua imagem/identidade. Neste sentido, a identidade do sujeito passa a ser vista e entendida como uma construção formada por múltiplas peças, as quais se convergem e se digladiam entre si, tornando-se uma constituição incerta e instável. Por consequência, o que já não era uno torna-se menos ainda, pois ele é o resultado explícito do processo de mistura, de confluência entre o seu “eu” e o “eu” que vem do outro. Desse processo de troca tem-se origem o sujeito híbrido.

O termo híbrido vem “do grego *hybris*, cuja etimologia remete a “ultraje”, corresponde a uma miscigenação ou mistura que viola as leis naturais. [...]. A palavra remete ao que é originário de “espécies diversas”, miscigenado de maneira anômala.” (BERND, 2004, p. 99). Neste sentido, o sujeito híbrido seria, pois, o resultado de um processo de imersão do indivíduo em uma cultura que não lhe é a sua de origem, com isso há uma mistura entre dois produtos e o resultado deste processo é o sujeito híbrido, o qual difere do que era antes e também difere do outro de quem ele absorveu partes.

Por tanto, em uma composição híbrida não é mais possível delimitar as fronteiras do que era realmente seu e o que absorveu do outro, perdendo a noção de pertencimento. Essa nova configuração pode reforçar as características dos elementos de origem, como também pode negar, como destaca Bernd (2004) “Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas.” (BERND, 2004, p. 99). Para Bhabha o elemento híbrido é constituído em um “terceiro espaço”, território onde os elementos culturais contraditórios e conflitantes interagem. Neste espaço interativo a construção da identidade se dá como algo conflitante e ambíguo. Por isso o híbrido é uma “massa” heterogênea, confusa, ambígua e conflituosa, mas sempre incompleta e disposta a absorver sempre mais e mais.

Em vista disso, atualmente, com a explosão da pluralidade cultural, a crítica pós-moderna tem dado destaque à noção de diversidade como um elemento conflitante constituinte do sujeito híbrido. Neste sentido, Bernd (2004) diz que: “A pós-modernidade, ao trazer à tona o conceito de híbrido, enfatiza acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso.” (BERND, 2004, p. 100). Pois, o contato com o outro cultural e as trocas interculturais produz novas formas de cultura.

Dentro do contexto de produção literária pós-moderna a diversidade cultural, com seus múltiplos focos de abordagem, tem se mostrado receita de sucesso para muitos escritores. Um desses escritores foi António Lobo Antunes, que utilizou o contexto de guerra e degradação do homem para escrever a célebre obra *Os cus de Judas* (1979), a qual lhe concedeu o prêmio Franco-português em 1987, o tornou internacionalmente conhecido e já foi traduzida para quinze idiomas.

Lobo Antunes nasceu em Lisboa no ano de 1942, médico de formação e tornou-se escritor por paixão. Sua formação em medicina o levou a servir ao exército português durante a guerra Colonial em Angola (1961-1974). Sua carreira literária teve início em 1979 com a publicação de *Memória de Elefante*, e devido ao grande sucesso de público e de crítica alcançado com esta publicação, a partir de 1985, ele passa a se dedicar exclusivamente à literatura. Como literário teve seu nome indicado por várias vezes para o Prêmio Nobel da Literatura e é considerado um dos escritores portugueses mais traduzidos.

Quando Lobo Antunes retorna do serviço militar em Angola escreve o romance *Os Cus de Judas*, que é um relato de sua vivência naquele país no contexto de guerra. O romance está ambientado em um momento histórico, marcado pelo delineamento das novas fronteiras geográficas e territoriais, desenhadas pelos movimentos de libertação das antigas colônias dos países europeus, como Portugal. Neste período Portugal vivia sob a ditadura de Salazar, o qual não abriu mão de suas antigas colônias africanas, dando início a uma guerra civil. Por sua vez, as colônias cansadas da exploração resistiam bravamente ao regime de ditadura. Então, tomando este contexto de guerra como cenário, António Lobo Antunes escreve um relato autobiográfico, um romance memorialista, no qual conta, de forma detalhada, o dia-a-dia da guerra, suas mazelas, os sofrimentos, angustias, medo, dor e saudades produzidos pela hostilidade da guerra.

O romance *Os Cus de Judas* encontra-se estruturado em vinte e três curtos capítulos sequenciados em ordem alfabética de A a Z, ao longo dos quais se desenrolam ações em dois planos temporais: um cronológico, período de tempo de uma noite. Este tempo cronológico é marcado pela fala do narrador personagem, o qual, em um grande monólogo, em uma mesa de bar e depois em seu apartamento, relata a uma mulher não identificada, suas angústias e a mediocridade que se tornara sua vida após a experiência da guerra. Em seu relato ele aponta vinte e sete meses de vivência com a tropa. Outra marca temporal reside no passado, o tempo recolhido pela memória, o qual se apresenta como um tempo elástico, fluído, reconstituído a partir de fragmentos soltos, resgatados dos destroços da

memória do narrador. Um tempo que se volta para a infância remota, as recordações da família, um tempo em que ele parte para a guerra em Angola e, finalmente, um tempo em que ele sobrevive, numa luta que lhe parece vazia de sentido.

Assim, a história tem início com o narrador-personagem desfiando seu relato, remontando suas recordações do tempo de infância com a família e os momentos de lazer. Sobretudo lhe vêm à memória as cobranças da família para que ele se tornasse um homem, com imagem forte e robusta, e para isso lhe diziam: “– Finalmente que a tropa há de torná-lo um homem.” (ANTUNES, 2003, p. 15). Assim, ele cresceu pressionado pela família para se tornar um símbolo de virilidade e macheza, tanto que acabou indo servir ao exército.

Os jovens soldados que eram recrutados para servir ao exército iam para Portugal, em navios abarrotados, combater na guerra Colonial em Angola, e grande parte deles contra a vontade, ou motivados por ideais de um país caduco. Assim, “[...] embarcados à força numa arca de bichos com cólicas, que arrancaram às florestas natais das suas repartições, das suas mesas de bilhar e dos seus clubes recreativos, para lançar, em nome de ideais veementes e imbecis, em dois anos de angústia, de insegurança e de morte.” (p. 28). Dessa forma, o serviço militar representava um grande sacrifício e um exercício de purificação e fortalecimento de sua imagem para com seus familiares, mas para ele somente a dor, a infelicidade e a verdadeira face da desgraça se revelavam naquele ambiente de luta, tragédias e sofrimento.

O campo de batalha realmente representava uma realidade dura demais para nosso herói narrador-personagem, pois ele fora um jovem criado em um ambiente de superproteção, longe dos verdadeiros problemas e rodeado de mimos, como ele mesmo descreve: “Nasci e cresci num acanhado universo de croché, croché de tia avó e croché masculino, [...] habituaram-me à pequenez do *bibelot*, proibiram-me o canto nono de *Os Lusíadas* e ensinaram-me desde sempre a acenar com o lenço em lugar de partir.” (p. 35). Por consequência disso seus familiares lhe questionavam que era muito fraquinho, de pouco corpo, e por isso estavam sempre fazendo referência ao serviço militar como uma solução para fazer daquele menino magrinho um homem.

A partir daí percebemos que em *Os Cus de Judas* a figura do narrador é ponto central da discussão, pois ele, enquanto protagonista e delator da sua própria história, é quem estrutura e/ou desestrutura a narrativa através de seus fluxos de memória que ele vai, ora narrando, ora interferindo e pondo suas marcas nos acontecimentos narrados.

Por isso, ele é o todo onisciente, dele provem todas as verdades e todos os acontecimentos que ele os recupera do passado e deixa-os flutuando no presente inacabado. Assim, o narrador-personagem é o dono da verdade dos fatos narrados, pois enquanto as outras pessoas souberam da guerra através dos jornais e informações de terceiros, ele foi testemunha ocular, vivenciou todas as desgraças que ela produziu. Neste sentido, falando a sua interlocutora ele aponta uma diferença fundamental entre eles, quanto ao acontecimento da guerra.

“O que de certo modo irremediavelmente nos separa é que você leu nos jornais os nomes dos militares defuntos, e eu partilhei com eles a salada de frutas da ração de combatente e vi soldarem-lhes os caixões na arrecadação da companhia, entre caixotes de munições e capacetes ferrugentos.” (p. 172)

E foi para servir nesta guerra, fabricante de cadáveres, que o personagem, médico recém-casado, foi convocado. Servir ao exército era motivo de orgulho para seus familiares, assim como para grande parte dos portugueses daquela época, que se orgulhavam em servir e engrandecer uma pátria de ventre apodrecido. O serviço militar era visto como um ato de heroísmo, um rito de passagem que o transformaria em homem de verdade. Mas, ele não acreditava nem se empolgava com esses ideais ultrapassados.

Então, enquanto partia e afastava-se de Lisboa em direção ao horror da guerra ele começa a recordar sua infância, os momentos em que era apenas uma criança. Criança essa que, segundo seus familiares, se transformaria e voltaria da guerra como um homem, com a glória de ter servido a pátria. Mas, enquanto ainda estava no navio o narrador é tomado por uma triste sensação de total desvanecimento de suas forças, pois estava indo de encontro à morte combater numa guerra sem sentido.

Chegando a Angola a tropa se depara com uma triste realidade, em que a guerra não é o único vilão que mata.

“O comboio cheio de malas e do receio tímido de estrangeiros em terra desconhecida, cuja lusitanidade se nos afigurava tão problemática como a honestidade de um ministro, (...). A miséria colorida dos bairros que cercavam Luanda, as coxas lentas das mulheres, as gordas barrigas de fome das crianças móveis nos taludes a olharem-nos, arrastando por uma guita brinquedos irrisórios, principiaram a acordar em mim um sentimento esquisito de absurdo, cujo desconforto persistente vinha sentindo desde a partida de Lisboa, (...).” (p. 27)

Este era o cenário da guerra, iniciada bem antes da chega das tropas lusitanas. Um ambiente triste, carregado, violentamente arrebatado pela miséria sem precedentes. E, sobretudo, quando não estavam no campo de batalha se mostrava um espaço solitário, que assim o narrador representava: “[...] e o gigantesco eco dos passos de ninguém nas salas desertas. Como quando se tosse nas garagens à noite, pensei, e se sente o peso insuportável da própria solidão, nas orelhas, [...]” (p. 21). E ele ainda acrescenta e critica a imparcialidade e inércia daquele povo, vivendo naquela terra de “extrema solidão e a extrema miséria, governadas por chefes de postos alcoólicos e cupidos a tiritarem de paludismo nas suas casas vazias, reinando sobre um povo conformado, sentado à porta das cubatas numa indiferença vegetal.” (p. 145)

Diante disso, o insucesso das tropas portuguesas naquele ambiente hostil era uma fatídica conclusão que os soldados só descobriam quando já não era mais possível recuar. Pois, o exército português não conhecia nada da geografia do território angolano, por isso se tornava um alvo fácil das minas terrestres e dos tiros dos guerrilheiros entrincheirados das forças de resistência. Dessa forma, a morte era dada como uma certeza, só que em um momento impreciso. Situação essa que torturava psicologicamente e afligia o narrador-personagem, pois, a qualquer momento esperava ser atingido por uma bala, uma mina, ou uma emboscada.

Assim, com a sombra da morte lhe seguindo a cada passo, os longos e calorosos dias do clima africano se fazia cada vez mais extensos, e os incontáveis meses que se passavam, ganhavam ares de séculos de uma existência vazia. Por isso, cada vez mais lhe atormentava a incompreensão da situação em que se via obrigado a enfrentar. Uma posição de ataque constante, preparado para matar e para morrer sem motivos, ou mesmo motivados por uma lógica de uma pátria em decadência.

Por isso ele se torna melancólico e emotivo, pois já sente saudade de tudo, sente falta de sentir-se humano, de estar com os amigos cujas faces já não lembram mais, de dormir com a esposa, sem preocupações. Esta situação constante lhe causa uma extrema revolta, e lhe faz questionar:

“A cada ferido de emboscada ou de mina a mesma pergunta aflita me ocorria, a mim, filho da Mocidade Portuguesa, das *Novidades* e do *Debate*, sobrinho de catequistas e íntimo da Sagrada Família que nos visitava a domicilio numa redoma de vidro, empurrado para aquele espanto de pólvora numa imensa surpresa: são os guerrilheiros ou Lisboa que nos assassinam, Lisboa, os Americanos, os Russos, os Chineses, o caralho da puta que os pariu combinados para nos foderem

os cornos em nome de interesses que me escapam, quem me enfiou sem aviso neste cu de Judas[...]?” (p. 47-48)

Assim, quanto mais tempo passava na guerra mais lhe agravava o processo de desumanização provocado pelos horrores e hostilidades. Dentro do espaço da guerra se desenvolvia um ambiente bastante povoado, mas ao mesmo tempo extremamente solitário, pois, dentro da guerra parece que não havia espaço para outra coisa, senão fazer guerra. De modo que não se nutria, naquele ambiente, nenhum sentimento de amizade e/ou companheirismo entre os soldados. Tanto que, no final da guerra só ficaram mesmo os traumas e as lembranças perturbadoras dos mortos e feridos. Nem glória, nem medalhas, nem reconhecimento, nem amizades, pois tudo se foi com a guerra:

“Passamos vinte e sete meses juntos nos cus de Judas, vinte e sete meses de angústia e de morte juntos nos cus de Judas, nas areias do Leste, nas picadas dos Quiocos e nos girassóis do Cassanje, comemos a mesma saudade, a mesma merda, o mesmo medo, e separámo-nos em cinco minutos, um aperto de mão, uma palmada nas costas, um peso da bagagem, um vago abraço, e eis que as pessoas desaparecem, vergadas ao peso da bagagem, pela porta das armas, evaporadas no redemoinho civil da cidade.” (p. 238)

E no final de tudo, eis que é chegada a hora de regressar a Portugal, vivo e com a experiência da vivência na guerra. Guerra, que segundo seus familiares a tornaria um homem. E por fim ele chega à seguinte conclusão: “De fato, e consoante as profecias da família, tornara-me um homem: uma espécie de avidez triste e sínica, feita de esperança cúpida, de egoísmo, e da pressa de me esconder de mim próprio, [...]” (p. 32). Mas, mesmo transformado neste homem que agora lhe povoa o espírito ele confessa sentir certo receio, ou mesmo um medo camuflado, pois afirma que toda a vivência da guerra e a ausência de suas raízes lhe deixaram um ser sem pertencimento, despido de suas referências. Esta perda da noção de pertencimento, segundo Bernd (2004) é resultante do processo de hibridização. Neste momento o narrador-personagem, depois de ter passado um período em Angola, perde totalmente a referência daquele lugar que antes compreendia com pátria, como lar.

Por isso, “O medo de voltar ao meu país comprimiu-me o esôfago, porque, entende, deixei de ter lugar fosse onde fosse, estive longe demais, tempo demais para tornar a pertencer aqui, (...). Flutuo entre dois continentes que me repelem, nu de raízes, e busca de um espaço branco onde possa ancorar, (...)” (ANTUNES, 2003, p. 222).

Em fim, já de volta a Lisboa, seis anos depois de retornar de Angola, o narrador-personagem se encontra em um bar, na companhia de



uma mulher e para a qual começa a contar sua história e suas experiências na guerra. Essa mulher não fala, não se expõe, apenas imaginamos seu vulto embaçado pela pouca luz do bar e pela penumbra enevoadada da fumaça dos cigarros. Enfim, ele quer muito mais que fazer amor, ou sexo com ela, como ele chega a propor no início da narrativa, “Quem sabe se acabamos a noite a fazer amor um com o outro, furibundos como rinocerontes com dores de dentes, até a manhã clarear lividamente os lençóis desfeitos pelas nossas marradas de desespero.” (p. 29).

Mas, no fundo ele queria que ela, sobretudo, o escutasse, pois para ele, o ato de contar suas experiências da guerra é a única forma de fazer-se protagonista da sua própria vida, é a única forma de sua história acontecer além dos limites do campo de batalha aprisionado na memória. E ele usa justamente o bar, regado a muita *vodka*, como um ambiente de liberdade e libertinagem, onde ele poderia livra-se de todas as amarras e convenções sociais, e principalmente um ambiente onde as forças do governo não exerciam seu poder, assim ele poderia ser mais que um ex-combatente e usar da imaginação e da revolta para criticar e ofender o regime ditatorial.

Por fim, depois de ter sobrevivido e passado por todo sofrimento e vivenciado tantas desgraças que a guerra produziu o eloquente ex-combatente apreende o verdadeiro papel da guerra em animalizar sua força de ação, os soldados, reduzindo o homem a animal, a fera indomável, que é descartada, rejeitada e esquecida socialmente. Por tudo isso, o narrador tornou-se um homem profundamente solitário, pois vivia sobrecarregado pelo peso da guerra e sufocado pelo sofrimento que vivenciou nos campos de batalha.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. L. **Os Cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BERND, Z. O elogio da criolidade: o conceito de hibridação a partir dos sutores francófonos do Caribe. In: ABDALA JUNIOR, B. (Org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.